

Portugal na Grande Guerra de 1914-1918

Nuno Lemos Pires

“o soldado desconhecido de África é bem mais desconhecido que o da Flandres” (Arrifes, 2004: 27)¹



Portugal participou na Grande Guerra em cinco grandes frentes: Angola, Moçambique, Flandres, no Mar e Internamente². Em Angola e Moçambique houve consenso, a defesa das nossas colónias era uma prioridade assumida pelas várias sensibilidades políticas; na Flandres houve fortes divisões sobre a participação portuguesa, interna e externamente. No Mar fizemos o que os meios possibilitaram. Internamente os problemas foram muitos e a conflitualidade,

infelizmente, foi muito grande. A soma destas cinco frentes traduziram-se num esforço “gigantesco” para Portugal. Vamos referir o esforço, provavelmente o menor de todos, mas nem por isso menos importante, em Angola.

Portugal entrou na Grande Guerra mas nunca esteve pronto para nela entrar. A reorganização militar decidida em 1911 ficou longe de estar

¹ Imagem disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1914/N456/N456_master/JPG/N456_0001_branca_t0.jpg (consultado em 02 de Janeiro de 2013)

² Segundo Nuno Severiano Teixeira ainda podemos falar de mais uma frente: a frente “nas chancelarias” (Nuno Severiano Teixeira em Arrifes, 2004: 15) – assim seriam “seis” as frentes da Grande Guerra.

cumprida³. A Armada também pensou em planos ambiciosos mas que tardaram em ser concretizados⁴. As divisões internas continuaram nos anos a seguir à implantação da república: monárquicos e republicanos, entre monárquicos e entre republicanos. Instabilidade, impreparação militar e conflitualidade interna. São mau prenúncio para entrar numa Grande Guerra e a prioridade era África, mas prioridade não significa preparação.

A Frente Africana

Em África encontravam-se quatro colónias alemãs: Togo, Camarões, Sudoeste Africano (Namíbia) e África Oriental (Tanganica). As duas últimas faziam fronteira com territórios portugueses, Angola e Moçambique. A guerra para Portugal começa efetivamente em África e a primeira campanha será em Angola.

Na defesa das colónias portuguesas há, como afirmámos, um consenso interno mas também externo, Londres manifesta a disponibilidade de ajudar Portugal em caso de ataque e “recomenda que Portugal conserve as suas forças próprias para a defesa do território em África”⁵. A Colónia britânica da União Sul-Africana montou um sistema de recolha de informações em que tinha, em permanente vigilância, a colónia alemã da “Damaralândia” (como era comumente designado o “Sudoeste Africano Alemão” - *Deutsch-Südwestafrika, DSWA*). Para o Reino Unido, como podemos ler nos vários documentos recolhidos nos arquivos em Londres, havia uma grande preocupação na possibilidade dos alemães tentarem movimentar entre as suas duas colónias (este e oeste), mas dificilmente os movimentos passariam por Angola⁶.

³ Ver o capítulo - Reorganização militar de 1911: Fraga em Afonso e Gomes, 2010: 27-29.

⁴ Ver o capítulo – Armada Portuguesa – Planos e realidades: Telo em Afonso e Gomes, 2010: 27-29.

⁵ Telo, 2010: 306.

⁶ AM – projeto GG, cota: NA-PRO DO119910.

O governo Português nomeou o antigo ministro da guerra, General Pereira de Eça, para Angola. Para a primeira força expedicionária portuguesa foi nomeado o Tenente-coronel Alves Roçadas que chegou a Moçâmedes a 27 de Setembro de 1914⁷. O problema é simples de descrever: em Angola, a sul, existia já uma importante colónia bóer e alemã que tentava revoltar as populações locais contra o domínio português; na colónia alemã estavam algumas forças junto à fronteira⁸ (em pequeno número uma vez que a maioria dos 3.000 militares se concentrava a sul por onde viria a grande ameaça, da colónia sul-africana).

Os bóeres tinham uma natural simpatia pelos alemães pelo que a ofensiva sul-africana iria demorar mais tempo do que os portugueses poderiam prever, no entanto, Portugal tinha-se precavido e um decreto de mobilização de Agosto de 1914 deu origem a uma força expedicionária com 1525 homens apoiados na estrutura do Regimento de Infantaria 14 (Viseu)⁹. A zona sul de Angola tinha sido



a última a ser pacificada pelo que o ambiente onde as operações se iriam realizar não seria dos mais favoráveis às forças portuguesas. Ou seja, além do

⁷ “um batalhão de Infantaria 14, um pelotão de metralhadoras, uma bateria de artilharia de montanha, um esquadrão de Cavalaria 9 e elementos de diversos serviços” (Pires, 1997: 73). Imagem disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1916/N540/N540_master/JPG/N540_0001_branca_t0.jpg (consultado em 02JAN2013).

⁸ “residiam cerca de 7.000 colonos europeus. Tinham uma guarnição de 3.000 homens cuja missão era defender um território enorme, fracamente povoado e semidesértico” Martelo em Afonso e Gomes, 2010: 138.

⁹ Telo, 2010: 425.

perigo alemão, poderia surgir, a qualquer momento, um levantamento por parte das populações daquela área.

Esta era exatamente a estratégia alemã para Angola, se houvesse alguma provocação portuguesa a norte da sua colónia a Alemanha responderia incentivando a revolta das populações. Para os alemães a maior ameaça era a possível intervenção a sul pela colónia sul-africana pelo que privilegiaram o grosso do seu dispositivo militar nesta região.

O “causus belli” iniciou-se em Naulila, num posto de fronteira onde foram mortos 3 alemães e aprisionado o intérprete que os acompanhava (tudo aponta para uma provocação portuguesa, bastante mal pensada, sem se saber ao certo se foram ordens recebidas “de cima” ou por iniciativa local)¹⁰. A resposta alemã foi imediata: atacaram o posto de Cuangar causando a morte de 21 militares¹¹ e continuaram os ataques a diversos postos de fronteira. A expedição de Roçadas concentrou-se então em Naulila onde se travou um importante combate (69 mortos e 76 feridos)¹². Os portugueses retiraram, o General Pereira de Eça assumiu o comando das forças no terreno, mas os alemães também acabaram por retirar.

A derrota militar dos alemães face às forças sul-africanas terminara a ameaça alemã (em 9 de Março de 1915)¹³. No entanto, a presença bóer e alemã no sul de Angola provocara os efeitos pretendidos e vão seguir-se por consequência, nessa zona, mais dois anos de campanhas de pacificação. São então enviadas sucessivas expedições nacionais para esta região (ver descrição das operações em Pires, 1997: 73-74)¹⁴.

No final da Grande Guerra, Portugal e o Reino Unido irão retomar negociações sobre a delimitação da fronteira sul de Angola. Entre outros

¹⁰ Ver descrição em Pires, 1997: 73, Telo, 2010: 426 e Oliveira, 1994: 169-171

¹¹ “matando 8 militares e 1 civil” Telo, 2010: 426; “nesta acção morreram o Tenente Ferreira Durão (...) Tenente Machado, 1 sargento europeu e 5 praças europeias e 13 indígenas assim como o comerciante Nogueira Machado” Oliveira, 1994: 171

¹² Telo, 2010: 426 e também discriminados por categorias e origens em Oliveira, 1994: 175

¹³ Martelo em Afonso e Gomes, 2010: 138

¹⁴ Total dos mortos e feridos nas campanhas do sul de Angola: 1.493 (não incluindo os carregadores), Oliveira, 1994: 191

pormenores para discussão está o abastecimento de água proveniente das cataratas de Ruacaná que abasteceriam ambos os lados da fronteira¹⁵.

A conflitualidade nesta região sul de Angola não começou nem terminou com a Grande Guerra. Mas as difíceis relações entre possíveis oponentes e aliados causaram diversos combates e o envio de sucessivas expedições militares para a região, acompanhadas, nas diversas chancelarias europeias, em especial com britânicos e alemães, por negociações “quase” permanentes.

Entender a frente angolana na Grande Guerra só é possível se a analisarmos dentro da problemática africana em geral e incluída numa política global da defesa dos vários interesses em disputa por todo o mundo. Entender a frente angolana também é procurar entender os fatores de conflitualidade antes e depois da Grande Guerra, porque só assim entenderemos os verdadeiros motivos dos vários combates que se deram muito depois dos alemães abandonarem os territórios em disputa. Vale de facto a pena estudar e analisar Angola na Grande Guerra!

¹⁵ AM – projeto GG, cota: NA-PRO FO608217.

BIBLIOGRAFIA

Academia Militar – Projeto de Investigação “O Exército Português na Grande Guerra (1914-1918”.

Afonso, Aniceto e Carlos de Matos Gomes (2010), *Portugal e a Grande Guerra 1814.1918*, Lisboa, Quidnovi.

Telo, António José (2010), *Primeira República I – Do Sonho à Realidade*, Lisboa, Editorial Presença.

Arrifes, Marco Fortunato (2004), *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa: Angola e Moçambique (1914-1918)*, Lisboa, Edições Cosmos e Instituto de Defesa Nacional.

Costa, Gomes da (1936), *A Guerra nas Colónias*, Lisboa, Edições Portugal Brasil.

Cidade, Hernâni (1933), *Portugal na Guerra Mundial: 1914-1918*, em História de Portugal de dir. Damião Peres, Vol. VIII, Barcelos;

Fraga, Luís Alves (1990), *Portugal e a Primeira Grande Guerra. Os objectivos Políticos e o Esboço da Estratégia Nacional 1914-16*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

Martins, Ferreira (Dir.) (1934-1938), *Portugal na Grande Guerra*, II vols, Lisboa, Edições Ática.

Martins, Ferreira (1956), *Portugal na Guerra de 14/18*, Porto, Tipografia Modesto.

Pires, Nuno Lemos (1997), *Roteiro Histórico da Escola prática de Infantaria*, Mafra, edições EPI.

Oliveira, Ramires de (Coord) (1994), *História do Exército Português – Terceira Parte: a Grande Guerra*, Lisboa, Edições EME.